

PROJETO :
Promoção emancipatória da saúde em
territórios indígenas no Semiárido



**Programa Inova
Encomendas Estratégicas Saúde Indígena
da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz.**

CADERNO INTERCULTURAL

Narrativas, memórias e diálogos interculturais

Com o Povo Xukuru do Ororubá

Coordenação:

André Monteiro (Coordenador Lasat Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz-PE)

Marina Fasanello (Neepees/ENSP/Fiocruz-Rio)

Kleber Xukuru (Povo Xukuru do Ororubá)

Marcelo Tingu (Povo Tingu-Botó))

Caderno Intercultural:

Marina Fasanello (Pesquisadora Neepees)

Texto: Neepees

Marina Fasanello

André Monteiro

Kleber Henrique da Silva

Revisão Tingu-Botó

Micaele Xukuru

Pesquisadoras/es do Xukuru do Ororubá:

Diego Renan Xukuru

Iran Xukuru

Edgar Xukuru

Projeto gráfico:

Rodrigo Toscano

Diagramação:

Júlia Sarraf

Neepees:

Morgana Maria Brandão (Assistente de pesquisa)

Gabriela Protazio (Secretaria)

Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no Semiárido

como estratégia de enfrentamento às mudanças climáticas

Introdução

O projeto “Promoção emancipatória da saúde em territórios indígenas no Semiárido como estratégia de enfrentamento às mudanças climáticas” foi realizado entre agosto de 2022 e janeiro de 2024, dando continuidade ao anterior, coordenado pelos Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (Lasat) e o Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe). Trata-se de uma parceria com a Associação da Comunidade Indígena Xukuru e a Aldeia Indígena Tingui-Botó. Também houve uma colaboração com a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste e Minas Gerais, o IP/Universidade Federal de Alagoas e a Universidade de Pernambuco. Dentro da Fiocruz, o ICICT/VideoSaúde, o Canal Saúde e o VPAAPS Fiocruz, e internacional com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/PT.

André Monteiro Costa (LASAT - Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz-PE), Marina Fasanello (Neepe - ENSP/Fiocruz-Rio), Marcelo Tingui (Povo Tingui-Botó) e Kleber Xukuru (Povo Xukuru) foram responsáveis da coordenação do projeto.

Esta pesquisa nasce de um encontro no CBA (Congresso Brasileiro Agroecológico) em 2019, na Universidade Federal de Sergipe, onde houve uma projeção de diversos filmes. Marcelo Tingui e Kleber Xukuru, dois cineastas indígenas presentes para representar seus respectivos povos. Após serem apresentados por um amigo em comum, perceberam que apesar de haver diversos

Diálogos interdisciplinares e interculturais

Diálogos interdisciplinares são realizados por diferentes áreas especializadas das ciências, como a sociologia, a medicina, a ecologia e a engenharia. Os diálogos interculturais, por sua vez, envolvem conhecimentos científicos com outros sistemas de conhecimentos. Podemos citar como exemplo os conhecimentos tradicionais indígenas e de diversas outras populações tradicionais advindos de lutas sociais por saúde, dignidade e direitos territoriais.

filmes sobre os indígenas, nenhum deles tinha sido produzido por indígena. No momento que abriu a mesa de debate, decidiram subir no palco para defender o cinema indígena, para eles: “da importância do cinema indígena ser feito pelos indígenas e com indígenas e não para indígenas” (Marcelo Tingui). Após as falas, eles foram apresentados à Prof^a. Marina Fasanelo. Assim, o encontro dos Xukuru e Tingui Botó com o Neepes se deu no CBA, debaixo de um pé de jambo. A partir daí, os dois indígenas compartilharam seu sonho de criar uma rede audiovisual indígena e traçaram várias possibilidades. Quando abriu o edital do Inova que em articulação com a Marina para a construção da proposta, permitiu dar início a essa parceria, que hoje já entrou em uma segunda edição. Nestas confluências, a Bia Colucci, coordenadora do Nice da UFS, também se aproximou e o Neepes, que já havia contato com o André Monteiro, o convidou para coordenar o projeto, tanto enquanto cineasta quanto por seu histórico de pesquisa na questão de conflitos.

O principal objetivo do projeto foi induzir a produção e circulação de conhecimentos que apoiam a organização e modos de vida nos territórios Xukuru do Ororubá/PE e Tingui-Botó/AL, como os saberes e práticas tradicionais, agroecológicas e de promoção da saúde. Procuramos contribuir para produção de narrativas audiovisuais indígenas do Nordeste, Norte de Minas e Espírito Santo, a partir do resgate de memórias e narrativas

indígenas tendo como base o diálogo intercultural. Outro elemento importante foi apoiar sua qualificação do ponto de vista dos objetos de conhecimento, da qualificação técnica da produção audiovisual, da articulação dos coletivos audiovisuais, contribuindo para sua articulação em rede, bem como para a ampliação da visibilidade dessa produção, por meio de uma mostra, potencializada pelo desenvolvimento da plataforma do audiovisual “Narrativas Audiovisuais do Nordeste - NIN”. Deste modo, a produção audiovisual indígena se torna um importante canal de comunicação dentro das comunidades e amplia a criação de redes entre as diversas etnias.

Cadernos interculturais

Os cadernos interculturais constituem uma ferramenta essencial para a comunicação e divulgação da pesquisa sensível e co-laborativa. Têm como intuito relatar os principais aprendizados e resultados da pesquisa de forma sintética e com abordagens que apoiam formação e comunicação, tanto para os movimentos sociais, como para grupos acadêmicos. De acordo com as metodologias sensíveis co-laborativas, são realizados, assim como as outras etapas da pesquisa, em colaboração com os sujeitos sociais envolvidos (Tingui Boto e Xukuru do Ororubá), considerados como agentes produtores de conhecimentos e práticas transformadoras da realidade. Essa ideia de produzir conhecimentos junto com (Santos, 2018) é estratégica para concepção de Promoção Emancipatória da Saúde (PES) do Neepes.

Além disso, procuramos criar dispositivos para a qualificação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, considerando-se que aborda como temática central a promoção da saúde indígena, nas ações e práticas de conhecimentos tradicionais indígenas e agroecológicos. Tendo por base as perspectivas teóricas da ecologia dos saberes e **metodologias sensíveis e co-labor-ativas**, o projeto assenta-se na construção coletiva de conhecimentos fundados nos diálogos interculturais entre os povos indígenas e pesquisadores do campo da saúde coletiva e parceiros de diversas áreas afins.

Metodologias sensíveis e co-labor-ativas

As metodologias sensíveis co-labor-ativas têm como intenção transformar a forma que se constrói o conhecimento dentro da academia. Propõem a produção de conhecimentos *junto com* os segmentos radicalmente excluídos, como as populações, comunidades e movimentos sociais do Sul Global. Trata-se de considerar esses grupos como portadores de direitos, saberes e capacidade de agenciamento, ou seja: “em processos instituintes dos sujeitos que vivem, trabalham e se mobilizam nos territórios, em particular no reconhecer, validar e apoiar a produção de conhecimentos voltados à transformação social, à luta por direitos, à busca por dignidade e do bem viver” (Fasanello e Porto, 2023). Portanto, consideramos, no âmbito das metodologias sensíveis, que eles são fundamentalmente sujeitos da pesquisa e sobretudo, produtores de saberes legítimos, que se configuram por meio de diversas linguagens, expressões e percepções. Quebra-se assim, a noção corrente que os associam como objeto de pesquisa e seus conteúdos como passíveis de apropriação por práticas acadêmicas extrativistas. Neste sentido, a pesquisa sensível co-labor-ativas se torna um processo de ‘co-criação’, onde os sujeitos de diversas áreas do conhecimento, das expressões artísticas e dos territórios em luta por dignidade, participam de cada etapa do projeto e da produção do conhecimento.

Assim, a ideia de uma metodologia sensível consiste em um resgate “da epistemologia com sabedoria”, aliando dimensões ontológicas, metodológicas, pedagógicas, artísticas e afetivas. Envolve uma transformação do modelo onde a ciência hegemônica exclui sistemas de conhecimentos e experiências que nascem de contextos populares, coletivos e da ancestralidade. (Fasanello, 2018 e 2023)

O projeto foi sendo construído principalmente a partir do aprofundamento dos diálogos com o Xukuru, tendo por base as perspectivas teóricas da ecologia dos saberes e tradução intercultural (Santos, 2007) assim como as **metodologias sensíveis e co-labor-ativas** (Fasanello, 2018). As oficinas e Encontros do Neepes representam uma estratégia de construção coletiva dos conhecimentos, permitindo unir os povos indígenas e pesquisadores do campo da saúde coletiva e parceiros de diversas áreas afins. Também se apoia na proposta teórico-metodológica da **sociologia das imagens** (Rivera, 2015), na qual o audiovisual emerge como possibilidade de elaborações sensíveis nos territórios indígenas, enquanto estratégias de visibilidade de suas narrativas.

Sociologia das imagens

O conceito de sociologia das imagens, desenvolvido por Silvia Rivera Cusicanqui, propõe uma antropologia visual que possibilite representar a diversidade de vozes e expressões que emergem nas lutas sociais, um olhar sobre outros olhares em construção coletiva. Os atores dessas lutas representam sujeitos coletivos cujas ações se expressam em diversas formas de ser e conhecer, por exemplo através de seus gestos, falas e olhares. A linguagem audiovisual, através dos diferentes sentidos que ele nos permite acessar, tem um papel fundamental para permitir uma expressão significativa de tais sentidos. Encontramos aqui uma sintonia com a ecologia dos saberes, na medida em que permite a emergência de formas diversas de linguagens, sentidos e expressões provenientes dos territórios de luta e da cultura popular. Assim, essa proposta nos convida a entender o audiovisual como um princípio democrático pela imagem.

Deste modo, os movimentos e organizações indígenas em contexto de lutas sociais são considerados como sujeitos portadores de direitos, que têm potência para produzir conhecimentos escritos, orais e imagéticos. Neste intuito, os realizadores audiovisuais indígenas envolvidos na pesquisa se tornaram pesquisadores dos territórios, formando uma equipe de bolsistas. Seu papel é de uma importância crucial para apoiar diálogos e compromissos de forma a fortalecer e promover experiências de produção e circulação de narrativas, resgate de memória e diálogos interculturais, que contribuíram para criação da rede audiovisual indígena do Nordeste. Também cabe destacar a dimensão interdisciplinar desta pesquisa, envolvendo profissionais de diversas áreas, tais como pesquisadores de ciências sociais, botanistas, cineastas, entre outros.

Redes sociotécnicas de pesquisa

Segundo a definição do Bruno Latour (1994), as redes sociotécnicas se referem a um conjunto de pessoas e objetos não humanos interconectados. Tal conceito traz a ideia segunda a qual a viabilização de um projeto não depende apenas de um autor mas principalmente de uma rede sociotécnica, ou seja, a aliança entre diversos atores sociais. Essas redes são dinâmicas e sempre dispostas a incluir novos integrantes. A partir desta perspectiva, consideramos que a construção de conhecimento passa pela aliança entre diversos atores cujas lutas contemplam objetivos comuns.

Descrição dos Xukuru contando a sua própria história

O povo Xukuru habita em Pernambuco, em um conjunto de montanhas chamado “Serra do Ororubá”, perto do município de Pesqueira. A região já foi alvo de conflitos com os portugueses que invadiram o território no período colonial, instalando propriedades de fazendeiros. As disputas permaneceram e se intensificaram após o início do processo demarcatório de suas terras em 1989. Foi preciso esperar até 2001 para conseguir a homologação da Terra Indígena. Hoje, o território é composto de uma população de 10.536 pessoas (Funasa/Siasi, 2007) distribuídas em aproximadamente vinte aldeias. Tais “retomadas” da terra foram muito importantes para organização e mobilização da comunidade, permitindo o apoio de algumas entidades e o diálogo com o Estado mantendo sua autonomia.

Os Xukuru vivem principalmente de suas atividades agrícolas. Suas produções são vendidas nas feiras da cidade de Pesqueira, onde os sábados são reservados para os produtos indígenas. Nesses últimos anos, fortaleceram seu papel na economia local, contribuindo para o abastecimento do município através suas produções. Isto participa de um convívio harmonioso com a população não indígena.

Existe uma diversidade de status socioeconômico dentro do território. Além da maioria que pratica agricultura familiar, existem os empregadores, que administram áreas maiores de plantio que contratam “alugados” remunerados pela diária trabalhada na plantação do

empregador. Também se encontram Xukuru que prestam serviços públicos, na área da educação ou da saúde, e outros, principalmente mulheres, que trabalham na produção da renda denominada “renascença”, através da produção de artesanatos vendidos nas feiras de Pesqueira e Poção.

Também destaca-se a criação de organizações para facilitar a tomada de decisão no território. Assim, existe um Conselho de representantes das aldeias desde 1988, composto de vinte-quatro representantes, e um Conselho de Representantes desde 1992 para resolver os problemas mais urgentes. No entanto, devido ao tamanho e complexidade do local, existem dificuldades para situações urgentes

Sua organização sociopolítica é o fruto de relações estabelecidas ao longo da história, assim como de seu universo simbólico, manifestado pelo Toré. Tal sistema cosmológico considera a natureza como sagrada, dando lugar a diversos rituais e celebrando diversas divindades.

1. Descrição do mapeamento

Ao longo do projeto, foram desenvolvidas diversas estratégias de pesquisa que procuraram favorecer uma reflexão coletiva sobre as experiências dos dois territórios. Deste modo, a construção do projeto levou um ano e se realizou em colaboração com os Xukuru e Tinguí Botó. Cada encontro, virtual ou presencial, se iniciava com um canto de abertura tradicional. Ao decorrer da pesquisa, também foram realizadas diversas oficinas, com a participação dos sujeitos dos territórios, os parceiros

acadêmicos, institucionais e profissionais de diversas áreas.

Em um primeiro tempo do projeto, foi realizada uma identificação de ações e práticas tradicionais de agroecologia, alimentação, cuidado, espiritualidade e preservação ambiental nos territórios Xukuru do Ororubá e Tingui-Botó. Este mapeamento surgiu a partir de uma proposta de questionário elaborados junto com os Xukuru. Têm como intuito identificar e fortalecer as práticas e ações agroecológicas e de promoção da saúde, bem como práticas tradicionais de alimentação, cuidado, espiritualidade e preservação ambiental.

Através dos questionários realizados, vemos que tanto os Xukuru quanto os Tingui Botó vêem o SasiSUS

como uma instituição desconectada deles, de sua realidade e saberes, desconsiderando seus conhecimentos ancestrais na área de saúde.

Os conhecimentos coletados, em conjunto com os diálogos interdisciplinares e interculturais, ajudam ao diálogo com o SasiSUS para humanizar este sistema. Assim, o mapeamento realizado serviu como base para produção de vídeos que tem por intuito a capacitação dos conselheiros de saúde indígena dos dois territórios em uma perspectiva de diálogo intercultural. O audiovisual é uma estratégia de visibilização e viabilização das experiências, práticas, vivências e saberes indígenas, permitindo a co-presença e a co-criação.

- Ações e práticas tradicionais indígenas de agricultura, alimentação, cuidado, espiritualidade, arte e preservação ambiental nos territórios

Foram mapeadas diversas ações. Primeiro, em relação às práticas e gestão do sistema agrícola de sequeiro, são realizadas leituras, interpretações e previsões do plantio, do manejo cultural e da colheita, assim como um calendário lunar para essas práticas. Também existe manejo de pragas e de doenças, a partir de preparo e aplicação de defensivos naturais, e manejo dos quintais produtivos

biodiversos Xukuru e seus arranjos de policultivos. Para o sistema da medicina tradicional e práticas de cura, os Xukuru recorrem ao cultivo, uso e manipulação de plantas medicinais. Também podemos ressaltar uma gastronomia tradicional com receitas da culinária Xukuru que envolve a produção de alimento-remédio (como o café medicinal de guandú e de cabruncursso) e o uso de plantas alimentícias tradicionais (brede, batata cafofa, cará do mato, maracujá do mato, entre outros). Enfim, são registradas práticas e dinâmicas dos sistemas agrícolas-espirituais por cosmonucleação regenerativa no manejo do espaço sagrado da comunidade da Boa Vista.



Edgar Xukuru

-Ações e práticas de agricultura tradicional envolvendo experiências de produção, distribuição, autoconsumo e comercialização de alimentos saudáveis voltados à promoção emancipatória da saúde e geração de renda nos dois territórios.

Tais práticas variam segundo a região geográfica do território na qual se encontra. Assim, na região da serra, brejo de altitude, destacamos a fruticultura em policultivo chamadas localmente de frutas de época (manga, jaca, abacate, caju) e a produção de banana consorciada em áreas de várzeas. Na região agreste, é realizada lavoura de sequeiro com consórcio de milho, feijão e fava

jerimum. Enquanto à região da ribeira, se destacam sistemas de roça e lavoura. Se situa no Semiárido, um clima que favorece muitas perdas de produção agrícola, o que vem se tornando mais comum nos últimos dez anos devido aos efeitos do aquecimento global.

No território, são utilizadas técnicas de produção e armazenamento de sementes tradicionais; de colheita e receita para gastronomia tradicional e de construção de barreiros para abastecimento d'água, apesar desta última se encontrar em desuso. Também é ressaltada a extração de plantas nativas para produção de preparos e medicinais para animais



Iran Xukuru mostrando o plantio em Ororubá - Encontro “O tempo-encanto e a liberdade criativa da agricultura do sagrado”, em Ororubá - junho de 20



Parede da Casa de Sementes - Ororubá - junho 2023.

-Relação com o SasiSUS

Algumas ações foram realizadas, especialmente no Urubá Terra. Na oportunidade, profissionais de saúde em instalações pedagógicas trouxeram para a discussão temas relacionados a cultura alimentar, nutrição e uso e manipulação de plantas medicinais, sendo este através de oficinas, com participação de profissionais detentores de saberes da medicina ancestral.



Bela Xukuru

-Ações e práticas de cuidado tradicionais na prevenção e combate Covid19.

Para prevenir e combater a pandemia de Covid-19, foram realizados rituais de terreiros sagrados Xukuru. O cultivo e manejo de plantas alimentícias medicinais para imunidade foi essencial. Serviu para preparos de medicinas tradicionais (xaropes, lambedores, tinturas, chás, entre outros) e fumo, defumação, incenso e banho em espaços e em pessoas.

2. Apresentação das questões

Nos nossos encontros, os Xukuru do Ororubá destacaram algumas questões às quais eles são confrontados em relação às suas práticas de preservação ambiental, de agricultura tradicional e saúde.

- No território Xukuru do Ororubá

Dentro dos questionários, foram destacadas diversas questões e desafios que os Xukuru enfrentam no território.

Em relação à agricultura, alimentação, cuidado, espiritualidade, arte e preservação ambiental, os Xukuru destacam diversos desafios. O primeiro refere-se ao combate contra práticas da pecuária extensiva e predatória que vem sendo adotado por algumas famílias indígenas que impede ou até mesmo intimida o avanço de sistemas agroalimentares biodiversos. Também têm que enfrentar as queimadas e desmatamento para retirada de madeiras, o uso de agroquímicos, o monocultivo, mau uso da água para irrigação e degradação de nascentes, entre outros. Enfim, existe a questão da apreensão de animais silvestres e caça por esporte ou lazer.

Para suas práticas de agricultura tradicional envolvendo experiências de

produção, distribuição, autoconsumo e comercialização de alimentos saudáveis voltados à promoção emancipatória da saúde e geração de renda nos dois territórios, os Xukuru se deparam com o conflito da agricultura de sequeiro e a pecuária predatória, a gestão dos recursos hídricos. É essencial que sejam definidas regras de uso e ocupação territorial.

Destaca-se também uma falta de conhecimento e de valorização pelo SasiSUS das práticas e conhecimentos tradicionais Xukuru de cuidado e cura.

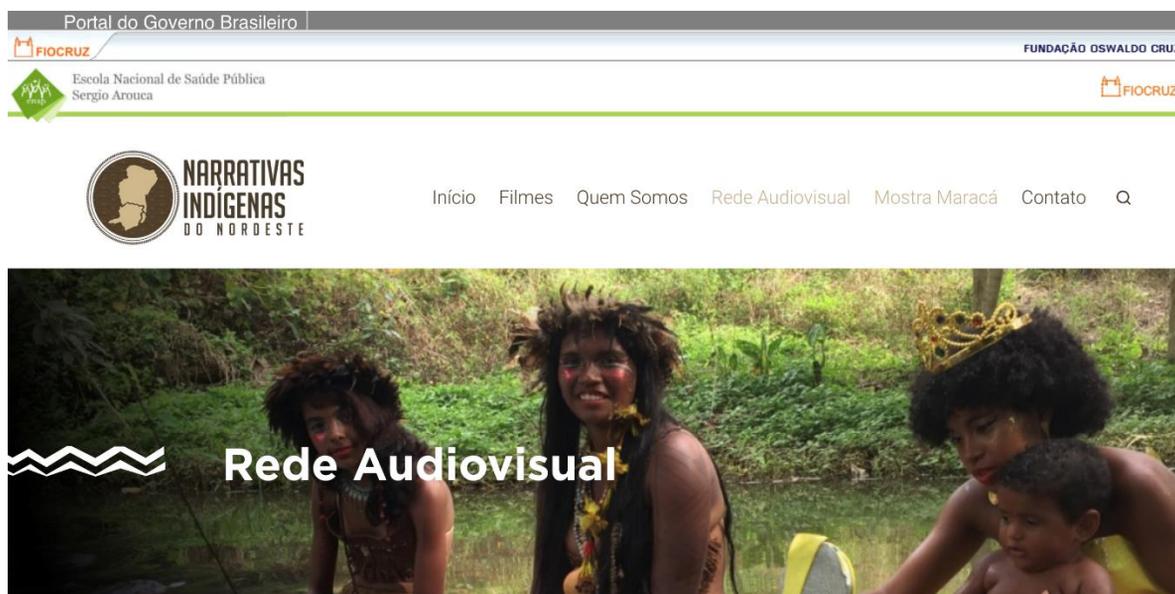
Uma outra questão importante enfrentada pelos Xukuru se refere à atenção de saúde específica dos indígenas que moram fora do território, ou seja, fora da linha de demarcação. Existem interpretações distorcidas da legislação da CF/88, principalmente por parte dos gestores da saúde indígena, que são difundidas na comunidade e alimentam resistências por parte dos moradores das aldeias e das lideranças tradicionais em aceitar a participação de indígenas classificados como “em contexto urbano”. O discurso discriminatório e preconceituoso coloca esses indígenas como marginais, desertores e até mesmo questiona sua identidade étnica simplesmente porque eles “dormem do outro lado da linha de demarcação”.

3. Respostas com textos e imagens

Dentro deste projeto de pesquisa, trabalhamos no desenvolvimento e fortalecimento de ações para enfrentar os desafios mencionados acima, principalmente relativos ao sistema de saúde e circulação de informações e conhecimentos tradicionais indígenas nos territórios.

Assim, como resultado de diversas reuniões e *Encontros de Saberes*, concretizamos diversos recursos de difusão audiovisual. Foi criada uma plataforma de audiovisual indígena ([Narrativas Indígenas do Nordeste-NIN](#)),

hospedada no servidor da ENSP/Fiocruz, a partir da plataforma de audiovisual Beiras d'Água. Neste intuito, pesquisadores indígenas foram capacitados pelo *Eita* para alimentação e gestão da plataforma. Também houve uma sistematização da produção audiovisual indígena do Nordeste, incluindo os dois grupos étnicos (Xukuru do Ororubá e Tingui-Botó) e envolvendo os temas da promoção da saúde e agroecologia para catalogação e vinculação na plataforma. Além disso, identificamos demais coletivos audiovisuais indígenas do Nordeste e seus acervos vinculados à plataforma [Narrativas Indígenas do Nordeste](#) e outras abertas (sobretudo Youtube e Vimeo).



Plataforma Narrativas Indígenas do Nordeste, hospedada no servidor da ENSP/Fiocruz.

Assim, criou-se uma rede de audiovisual indígena do Nordeste, buscando reunir realizadores audiovisuais indígenas do Nordeste, Espírito Santo e Norte de Minas Gerais. Pretende-se que esta rede se constitua como um espaço de

atuação e protagonismo indígena gerido pelos povos em diálogo com uma academia sensível e colaborativa, proporcionando articulação e visibilidade de coletivos, núcleos e realizadores audiovisuais indígenas. Tal rede assume

como propósito o compromisso de potencializar iniciativas que já existem, promover o reconhecimento de grupos e atuações, incentivar relações de solidariedade entre os povos para fortalecer suas lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais.

Enfim, foi realizado um curso de extensão de caráter teórico-prático intitulado “Narrativas Audiovisuais em Contextos Indígenas”. Trata-se de um aperfeiçoamento em pela Universidade Federal de Sergipe-UFS, sob a coordenação da professora Karliane Macedo Nunes, promovido pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema, no período de 01/09 a 06/10/2021, com carga horária de 30 horas. O foco deste curso é a Produção Audiovisual e as diferentes etapas que envolve (pré-produção, produção, pós-produção). Foram ofertadas 15 vagas para realizadores audiovisuais indígenas do Nordeste, com 06 certificações, cumprindo 75% da carga horária.

Dentro desse comprometimento audiovisual, foi realizada a *Mostra Maracá do Audiovisual Indígena do Nordeste*. Trata-se de filmes de curta e média metragem, de realizadores da área de atuação da Apoinme (PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA, ES e MG), que estivessem hospedados nas redes abertas de audiovisual (sobretudo Youtube e Vimeo). O levantamento dos coletivos de audiovisual indígena foi uma estratégia importante para identificação dos filmes. Esse trabalho de pesquisa também contou com a colaboração dos bolsistas ligados à NICE UFS, coordenados pela professora Karliane Nunes. Criamos coletivamente um convite e um formulário para adesão

à plataforma/mostra.

Assim, foram selecionados filmes e sessões para a *Mostra Maracá* sobre as seguintes temáticas:

1. Agricultura do sagrado: terra e alimento
2. Memória e Tradição
3. Lutas e Resistências
4. Covid-19: a pandemia no olhar dos indígenas
5. Auto-cuidado e cura - saúde tradicional indígena
6. Mulheres indígenas
7. Xicão Xukuru - As sementes viraram frutos
8. Diálogos interculturais a partir dos indígenas
9. Mitologias das águas
10. Natureza e Meio Ambiente: visões e conflitos
11. Cinema de Índio

Em relação à questão do atendimento de saúde indígena, montamos um curso de capacitação e certificação dos conselheiros de saúde indígenas, por meio de projeto de extensão interinstitucional (Fiocruz, UFAL e UPE). Foram capacitados conselheiros de saúde indígena dos dois territórios para promover espaços de diálogos de saberes, envolvendo parcerias entre centros de pesquisa e os conselhos locais de saúde indígena, sobre as ações agroecológicas e de promoção da saúde, práticas tradicionais de alimentação, cuidado, espiritualidade e preservação ambiental em diálogo com a abordagem da saúde integral, fortalecendo o controle social e do SasiSUS.

Saberes ancestrais e diálogos interculturais

Consideramos que existe uma hegemonia da ciência moderna no campo do conhecimento, considerada como a única forma de saber legítimo no mundo ocidental. Deste modo, o conhecimento que não corresponde aos seus cânones é invisibilizado e menosprezado, contribuindo para a invisibilização e exclusão dos sujeitos que os possuem. Com a intenção de resgatar a sabedoria perdida pela ciência moderna assim como a promoção de uma justiça cognitiva, consideramos de crucial importância a integração de outros referenciais de conhecimentos dentro da academia e a interação entre eles. Destacamos duas principais formas de saberes não acadêmicos: os conhecimentos nascidos das lutas sociais e os saberes ancestrais. Através de um diálogo intercultural, procuramos a interação destes referenciais cognitivos com a academia. Isto significa a incorporação de diferentes linguagens, “de forma a criar um ambiente comum de unidade na diversidade e diversidade na unidade” (Fasanello e Porto, 2024). Neste sentido, os diálogos interculturais se harmonizam com a ecologia dos saberes, na medida em que permitem uma conversa entre diferentes referenciais cognitivos.

No território Xukuru do Ororubá

-Agricultura, alimentação, cuidado, espiritualidade, arte e preservação ambiental nos territórios

-Ações e práticas de agricultura tradicional envolvendo experiências de produção, distribuição, autoconsumo e comercialização de alimentos saudáveis voltados à promoção emancipatória da saúde e geração de renda nos dois territórios.

-Ações e práticas de cuidado tradicionais na prevenção e combate Covid19.

-Relação do SasiSUS com as práticas tradicionais de cuidado

-Acervos (escritos e audiovisuais) já sistematizados ou que ainda precisam ser sistematizados

- Formação sobre a política de saúde indígena e promoção a participação social no controle de ações em cuidados de saúde e na tomada de decisão compartilhada;
- Apoia as ações de regeneração ambiental, especialmente através da recuperação e cuidados com as nascentes e matas ciliares;
- Promoção conjunta e planejada, com participação da educação, para elaboração de plano/ação pedagógica em campanhas sobre a apreensão de animais silvestres, queimadas e desmatamento.
- Potencializar as ações voltadas à promoção da cultura alimentar Xukuru através da gastronomia e culinária tradicional Xukuru.

Fontes:

Fasanello, MF. O documentário nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais do campo: produção social de sentidos e epistemologias do Sul contra os agrotóxicos e pela agroecologia. [tese]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2018. 320 p.

Fasanello, MT; Porto, M. F. Luz, câmera, cocriação: o cinema documentário como inspiração para descolonizar a produção de conhecimentos. *Saúde em Debate*, v. 46, p. 70-82, 2023.

PORTO, M. F. Promoção emancipatória da saúde: contribuições do Brasil no context do Sul Global. *Health Promotion International*, v. 34, No. S1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/heapro/day086>

Porto MF ; Rocha DF; Fasanello MT. *Saúde, Ecologias e Emancipação: conhecimentos alternativos em tempos de crise(s)*. São Paulo: Hucitec Editora, 2021.

Santos, BS. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

ACOSTA, A. *O Bem viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo, Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>

BULLARD, R. D. Anatomy of environmental racism and the environmental justice movement. In: Bullard, R. D. (Org.). *Confronting environmental racism: Voices from the grassroots*. Boston: South End Press, 1993. p. 15-32.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. *Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, 2007 p. 77-93. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>

